

Fenomenalismo e Ceticismo Epistemológico em Richard Fumerton

*Doraci Engel**

RESUMO: Há uma visão comum na filosofia contemporânea de que o ceticismo é uma dificuldade que diz respeito ao fundacionismo clássico, mais do que a qualquer outra arquitetura do conhecimento. É a ideia, expressa, por exemplo, por Michael Williams, de “que não precisamos estar vulneráveis aos desafios céticos (ele se refere aos problemas cartesianos) a menos que antes fiquemos vulneráveis a nos tornarmos fundacionistas”. Richard Fumerton também considera que o fundacionismo leva ao ceticismo. Mas não porque os problemas céticos sejam uma consequência do fundacionismo, como uma tentativa de legitimar um certo tipo de reflexão filosófica diante do crescente êxito da ciência em descrever e prever as coisas, como sugerem, por exemplo, Willard O. Quine, Richard Rorty entre outros; mas tão somente porque crenças ou estados de crenças não são os melhores candidatos às verdades fundacionais que os filósofos procuram. Ou seja, para Fumerton o fundacionismo é um convite ao ceticismo apenas se limitarmos nossas fundações ao conhecimento proposicional, que para muitos é precisamente o horizonte da epistemologia. Neste trabalho apresentarei alguns aspectos centrais da filosofia de Fumerton: seu ceticismo epistemológico, a defesa da fenomenologia como método distintamente filosófico e, por fim, o seu comprometimento ontológico com alguma forma de fisicalismo.

Há uma visão comum na filosofia contemporânea de que o ceticismo é uma dificuldade que diz respeito ao fundacionismo clássico, mais do que a qualquer outra arquitetura do conhecimento. É a ideia, expressa textualmente por Michael Williams, de “que não precisamos estar vulneráveis aos desafios céticos (ele se refere aos problemas cartesianos) a menos que antes fiquemos vulneráveis a nos tornarmos fundacionistas substantivos”.¹ Richard Fumerton também considera que o fundacionismo leva ao ceticismo. Mas não porque os problemas céticos sejam uma consequência do fundacionismo, como uma tentativa de legitimar um certo tipo de reflexão filosófica diante do crescente êxito da ciência em descrever e prever as coisas, como afirmam, por exemplo, Willard O. Quine e Richard Rorty, entre outros; mas tão somente porque crenças ou estados de crenças não são os melhores candidatos às verdades fundacionais que os filósofos procuram. Ou seja, para Fumerton o fundacionismo é um convite ao ceticismo apenas se limitarmos nossas fundações ao conhecimento proposicional, que para muitos é precisamente o horizonte da epistemologia. Neste artigo apresentarei alguns aspectos centrais da filosofia de Fumerton: seu ceticismo epistemológico, a defesa do fenomenalismo como método distintamente filosófico e, por fim, o seu comprometimento ontológico com alguma forma de fisicalismo.

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PUCRS

¹ WILLIAMS, 1999, p.102

Numa de suas obras mais expressivas, *Metaepistemology and Skepticism* (1995) Fumerton observa que os argumentos céticos clássicos² envolvem o seguinte Princípio de Justificação Inferencial:

(PJI) Para estar justificado em crer uma proposição *P* com base em outra proposição *E*, deve-se estar (1) justificado em crer *E* e (2) justificado em crer que *E* torna provável *P*.

Segundo ele, é a cláusula (2) deste princípio que cria a dificuldade cética, pois para evitar um regresso vicioso de razões, deve-se estar não inferencialmente justificado em algumas instâncias de *E* torna provável *P*. O problema, argumenta, é que não há uma teoria do conhecimento satisfatória que nos permita formular esse tipo de justificação. A aceitação de PJI é o que Fumerton chama de “internalismo inferencial” no qual, segundo ele, o ceticismo permanece insuperável. Já as abordagens que negam a cláusula (2) são as versões do que ele classifica de “externalismo inferencial”, que embora convivam melhor com os problemas céticos, na sua avaliação, são insatisfatórias do ponto de vista filosófico.

Criticando o alcance supostamente estreito das epistemologias externalistas no que diz respeito à noção de justificação epistêmica, Fumerton nota que para essas abordagens, o mero fato de que *E* torna provável *P* é suficiente para *E* justificar *P*, a despeito de a pessoa estar independentemente justificada de que *E* torna *P* provável. Assim, prossegue ele, a consequência extrema de alguns tipos familiares de externalismo sobre justificação epistêmica, como o confiabilismo, é que podemos, em princípio, ter crenças fundacionalmente justificadas sobre qualquer coisa. Podemos, por exemplo, concluir ter sido projetados por Deus ou programados pelo computador de Matrix para termos indefinidamente várias crenças espontâneas e perfeitamente confiáveis demandadas por um *input* não doxástico.

Fumerton observa, que embora dispense a cláusula (2) do seu PJI, a maioria dos externalistas reconhece a introspecção como fonte de justificação empírica não-inferencial e é, em geral, muito cuidadosa no que pode ser incluído nas suas fundações. Mas ele nota também que esse cuidado não os impede de expandir suas fundações para incluir crenças sobre experiências passadas e, provavelmente, certas crenças sobre o ambiente físico. E neste caso, conclui, passa a ser um fato empírico do senso comum que nossas crenças sobre o mundo externo dependem causalmente de um conjunto de crenças de fundo sobre condições internas e externas da percepção, crenças estas que é melhor que estejam justificadas caso o *output* de tal experiência pretenda ser justificado. Sem essa justificação, conclui Fumerton, fica totalmente intocada a possibilidade *a priori* de crenças não

² A expressão “clássicos” aqui não tem um significado histórico, embora Fumerton esteja interessado, como os filósofos gregos antigos, nas dúvidas céticas que podem ser levantadas não sobre o conhecimento, mas sobre a racionalidade epistêmica das nossas crenças. FUMERTON, 1995, p. 29.

inferencialmente justificadas em proposições descrevendo o mundo físico. É o que ocorre tipicamente no realismo direto proposto por William Alston, por exemplo, no qual o conhecimento é causado diretamente e imediatamente por seu gerador de verdade, sem que a cadeia causal tenha qualquer estado doxástico intermediário. Parafraseando Hume, para quem a ocorrência de qualquer estado de coisas pode, a princípio, ser a causa de qualquer estado de coisas subsequente, Fumerton conclui que se estivermos num mundo com as cadeias causais apropriadas podemos ter conhecimento fundacional de qualquer coisa, sendo essa coisa uma questão de investigação empírica, nada mais.

Não irei explorar aqui os vários problemas técnicos que Fumerton identifica no externalismo, que são reconhecidos pelos próprios externalistas. Refiro-me especialmente ao problema da generalidade (o número de crenças confiavelmente produzidas por um determinado processo pode ser tão escassa que não podemos avaliar sua confiabilidade com base nestas crenças) e o chamado novo problema do demônio maligno (os mesmos processos formadores de crenças produzem crenças em larga escala verdadeiras num mundo favorável ou normal e sistematicamente falsas num mundo manipulado). Ficarei com uma objeção de caráter geral, que é distintiva e recorrente na obra de Fumerton: a suposta insuficiência filosófica das teorias do conhecimento e de justificação epistêmica externalistas.

Para Fumerton, filósofos devem oferecer - ou ao menos devem pretender oferecer - uma explicação unificada sobre a verdade dos princípios ou normas epistêmicas, algo que os externalistas, em geral, sequer consideram como uma objeção. Isto porque, segundo eles, mesmo que haja tal explicação unificada, ela simplesmente não é necessária para assegurar a veracidade de suas teses. Já na visão de Fumerton o divórcio entre o que se entende na noções de justificação e conhecimento do tipo segurança que os filósofos supostamente buscam nas suas investigações é inaceitável. “Uma crença confiavelmente produzida não nos dá segurança da verdade a menos que tenhamos razões para crer que ela é confiavelmente produzida. A crença causada por seu gerador de verdade não nos dá segurança da verdade a menos que tenhamos razões para crer que o gerador de verdade é sua causa”³, conclui.

“A filosofia sem fenomenologia é cega”⁴, escreve Fumerton sobre a necessidade de se oferecer uma análise correta das sensações sempre que se pretende asserir a existência de objetos físicos. Segundo essa visão, cuja origem é atribuída ao idealismo subjetivo de Berkeley, proposições sobre o mundo empírico são equivalentes em significado a proposições afirmando que os indivíduos teriam certas sequências de sensações para ter certas outras. E o nome que Fumerton dá ao seu fenomenalismo⁵ é *acquaintance*. Trata-se de uma tese sobre o conhecimento perceptivo, desenvolvida originalmente por Bertrand Russel, segundo a qual temos contato direto e imediato (familiaridade)

³ FUMERTON, 2008, p. 69

⁴ FUMERTON, 2008, p. 67

⁵ Fenomenalismo aqui é basicamente a visão de que objetos físicos são redutíveis ou definíveis em termos da ocorrência de uma experiência sensorial.

com fatos (geradores de verdade), com pensamentos (portadores de verdade) e, em geral, com a relação de correspondência entre pensamentos e fatos. Assim, diferentemente do realismo direto, de acordo com o qual ter uma experiência perceptiva é ter um objeto externo que aparece para nós com sendo de uma forma particular, e que age como justificador para a crença de que o objeto é o que parece, na teoria de *acquaintance* de Fumerton o que percebemos são estados mentais. Isto contrasta claramente do adverbialismo (a percepção é uma forma de consciência das propriedades do que é percebido, não das qualidades dos estados mentais) e também da visão tradicional de *acquaintance* desenvolvida por Russel, presente na teoria dos dados sensoriais (o que aparece na percepção é um objeto mental particular, não um estado mental) e das teorias representacionistas ou de realismo indireto (os objetos imediatos da experiência representam objetos físicos na medida em que podemos inferir da experiência perceptiva a existência dos objetos externos correspondentes).

Na concepção fundacionista cartesiana, crença infalível é crença cuja existência implica a verdade do que se acredita. São tipicamente as verdades necessárias do conhecimento *a priori* que se distinguem das verdades contingentes do conhecimento *a posteriori*. Nas teorias de *acquaintance*, entretanto, o conhecimento de ambas tem a mesma fonte – o contato direto com fatos. E a distinção entre o conhecimento de verdades necessárias e contingentes está nos fatos com os quais temos contato. Assim, quando estou em *acquaintance* com a experiência de dor, isso me dá conhecimento da verdade contingente de que estou com dor, enquanto que quando estou em contato direto com ser vermelho, ser amarelo e a relação de ser mais escuro que há entre eles, tenho o conhecimento necessário de que vermelho é mais escuro do que amarelo. Na epistemologia fenomenalista de Fumerton, porém, o contato direto com fatos inclui também o contato direto com os constituintes dos fatos (propriedades, objetos e tudo o que se entende como quantificadores). Como ele explica: “são entidades com as quais temos contato direto, como objetos (dados sensoriais), determinadas propriedades (este tom particular de amarelo), universais genéricos (ser amarelo, ser colorido) e, crucialmente, fatos (estar sentindo dor agora, alguma coisa ser amarela)”. São fatos que não podem ser falsos ou verdadeiros, que não podem, portanto, ser traduzidos ou reduzidos para termos conceituais ou proposicionais.

Embora concorde com Russel de que existem alguns conceitos fundamentais dos quais outros conceitos são construídos⁶, Fumerton discorda de que os fatos com os quais estamos em *acquaintance*, quando analisados, possam ser reduzidos a uma descrição de itens logicamente quantificáveis. Para ele a única maneira de oferecer uma descrição da relação de *acquaintance* é “apontar” para ela por intermédio de experimentos de pensamento. É o conhecimento por ostensão que, na sua concepção, é um modo perfeitamente familiar de se introduzir um conceito:

Apesar de nossa capacidade extraordinária de oferecer argumentos abstratos para cada uma das nossas crenças, o fato é que não precisamos de qualquer argumento

⁶ É a ideia de que existem “blocos de construção conceitual” ou para usar a expressão wittgensteiniana de “átomos” conceituais, sem os quais a análise conceitual não seria possível.

para reconhecer a dor severa que domina nossa consciência depois de um golpe na cabeça. A dor, ela mesma, a exemplificação desta propriedade, é direta e imediatamente presente à consciência. Podemos nos indagar se essa propriedade é idêntica a ocorrência de eventos neurais ou estados funcionais, mas não se essa propriedade existe.⁷

O fundacionismo baseado na relação de *acquaintance* cruza a linha da epistemologia tradicional (ou da epistemologia normativa⁸, como Fumerton prefere) essencialmente em dois pontos: (1) seu conceito de justificação não inferencial, como vimos, não pode ser analisado em termos conceituais (princípios epistêmicos não são analíticos) e (2) as relações de suporte epistêmico pressupostas no seu PJI envolvem uma noção peculiar de probabilidade, extraída de John Maynard Keynes⁹, segundo a qual existem verdades necessárias sintéticas *a priori* (conhecíveis sem inferência) nas relações de tornar provável entre proposições. Essa noção, que Fumerton descreve como um complexo *sui generis* de relações *quase-lógicas*, pois envolve sensações e expectativas, é crucial na sua estratégia de evitar as dificuldades céticas que emergem da cláusula (2) de PJI. Se para estarmos justificados em crer que *E torna provável P* o cético requer que tenhamos acesso à conexões de probabilidade, o melhor que temos a fazer, insiste Fumerton, é ampliar o leque de conexões de probabilidade possíveis ocorrendo entre proposições, com a inclusão dos itens não proposicionais com os quais estamos em *acquaintance*.

No fundacionismo de Fumerton, o fenomenalismo tem prioridade sobre a epistemologia normativa. É importante assinalar, porém, que embora indefinível em termos analíticos, a relação de *acquaintance* não é um estado intencional ou subjetivo. A filosofia de Fumerton, como se sabe, está comprometida com os conceitos do fundacionismo clássico, que pressupõe a existência de uma relação real entre estados mentais e certas propriedades e certos fatos (e talvez certos indivíduos); com a tese de que o conhecimento do mundo exterior diferencia-se do mundo interior e que este último tem prioridade epistêmica sobre o primeiro. É o que Descartes chamou de “a ordem das razões”. Essa relação não apenas estabelece as condições de sucesso para explicar como o conhecimento do mundo exterior é possível, como é também pressuposto pela noção de que esse conhecimento existe para ser examinado. Nesta perspectiva, as propriedades fenomênicas, com as

⁷ FUMERTON, 2006.

⁸ Assim como em ética, Fumerton sustenta que também em epistemologia há uma divisão entre os que se entende por epistemologia normativa, atrelada às várias concepções de como devemos formar e revisar nossas crenças, e uma dimensão metaepistêmica, que lida com a natureza das normas epistêmicas em geral. As dificuldades céticas dizem respeito à epistemologia normativa.

⁹ Na obra *A Treatise on Probability*, de 1921, Keynes, define probabilidade como “uma relação lógica entre um conjunto de proposições que chamamos de evidência, na qual nos supomos crendo, e outro conjunto que chamamos de conclusões, as quais atribuímos mais ou menos peso de acordo com os fundamentos oferecidos pela primeira”. Assim, o grau de racionalidade da crença poderá ser maior ou menor, assim como o conhecimento que emerge dessa relação pode ser mais ou menos certo dependendo das circunstâncias. A probabilidade não diz respeito a um cálculo de frequências relativas, mas à credibilidade que atribuímos às nossas evidências.

quais estamos em *acquaintance* em introspecção são, de fato, constituintes de fatos cuja existência temos que inferir.

Ou seja, diferentemente de uma relação envolvendo estados intencionais, cuja descrição semântica pode ser verdadeira mesmo quando seus termos falham em corresponder com os fatos, a relação de *acquaintance* garante a verdade das crença que ela justifica. Embora possamos crer racionalmente no que é falso, desejar aquilo que nunca irá acontecer, quando estamos em contato direto com a característica do mundo que faz nossa crença verdadeira, nossa crença é verdadeira. Não podemos estar numa relação real com o fato que *P* sem o pensamento (que é anterior à formação da crença) que *P* ser verdadeiro. Assim, quando estou em contato com a experiência de dor – quando a dor está imediatamente diante da minha consciência – minha crença de que estou com dor deve ser verdadeira. O “retrato” e o que é retratado estão imediatamente presentes em minha mente. Ela dispensa inteiramente a justificação proposicional, pois não há nada que possa melhorar a condição epistêmica do agente nesta situação.

Muitos questionam a infalibilidade da verdade que, segundo Fumerton, emerge da relação de *acquaintance*. Contra a assim chamada “luminosidade” dos estados mentais (estados em que a pessoa está sempre na posição de saber por intermédio da introspecção que está, de fato, neste estado) tomados por Fumerton como base do conhecimento fundacional, Timothy Williamson observa, por exemplo, que há estados mentais paradigmáticos que podem mudar incrementalmente sem que a pessoa tenha condições de perceber qualquer mudança. Ou seja, a dor, para tomar o exemplo preferido de Fumerton, pode diminuir tão lentamente que a pessoa pode não perceber exatamente o ponto em que ela deixa de existir. O mesmo ocorre em relação a outras experiências perceptivas, como estar em contato com um objeto vermelho no limite em ele deixa de ser vermelho e passa a ser laranja, por exemplo. São circunstâncias em que não podemos saber que *P*, pois há situações possíveis extremamente próximas em que não-*P* e não teríamos como distinguir entre *P* e não-*P*. A resposta de Fumerton, entretanto, é simples: a relação de *acquaintance* proporciona o tipo de justificação infalível que os fundacionalistas clássicos procuram não *apenas* porque a pessoa está em contato direto com o fato que é o gerador de verdade para sua crença, mas porque ela também está (ou geralmente está) diretamente em contato com a correspondência entre sua crença (ou mais precisamente seu pensamento) – o pensamento que ela está com dor, por exemplo - e o fato que torna a crença verdadeira. Assim, *acquaintance* com um estado de dor tão próximo de um estado de não-dor que não pode ser percebido como um ou outro não é uma fonte de justificação forte para crer que se está com dor. E isto é diferente da justificação forte proporcionada pelo estado de uma dor severa, cuja correspondência é claramente percebida pela pessoa.

Outra objeção frequente ao fundacionismo de Fumerton é o problema da galinha carijó (*speckled hen*) – uma galinha salpicada de pintinhas - levantada principalmente por Ernest Sosa.¹⁰ Para Sosa parece razoável que uma galinha com 48 pintas se apresente para nós com uma aparência de 48 pintas sem que possamos perceber essa propriedade relevante. Ou seja, podemos estar em contato direto com a experiência e não ter a justificação requerida pelo fundacionista para crer que estamos diante de uma galinha com 48 pintas. Para Fumerton, entretanto, o que ocorre neste caso é basicamente o mesmo que acontece nos estados mentais cujas propriedades mudam imperceptivelmente apontados por Williamson. Isto é, podemos não perceber (não estar em contato) com a correspondência entre o pensamento e o fato relevante de que a galinha tem 48 pintas. De tal modo, que embora a experiência tenha um caráter perfeitamente determinado, haverá sempre a possibilidade de que a pessoa ignore determinadas propriedades da experiência. Seja porque ela não tem o pensamento em questão e, portanto, não está em contato com a relação de correspondência pensamento/fato ou porque em determinadas circunstâncias o contato é entre um pensamento indeterminado e um fato determinado, que é seu gerador de verdade. Assim, prossegue Fumerton, quando confrontados com uma galinha com 48 pintas podemos perfeitamente negar que estejamos em contato direto com essa propriedade (48 pintas) e afirmar que nosso contato é com um objeto de várias pintas, sem que esse tipo de indeterminação comprometa nossa capacidade de justificação da experiência.

Valendo-se de uma sugestão de Alfred J. Ayer¹¹, de que se estamos ou não verazmente vendo um objeto vermelho redondo, ao menos parece para nós que estamos vendo algo vermelho e redondo, Fumerton conclui, a favor de sua noção *sui-generis* de probabilidade, que a justificação de crer na proposição de que parece que estamos vendo algo com determinadas propriedades é obviamente maior do que a justificação de crer na proposição de que nós realmente vemos algo com essas propriedades. Com isso ampliam-se as possibilidades da cláusula (2) do seu PJI.

Mesmo reconhecendo que sua estratégia é uma concessão ao cético, cujo desafio ele considera insuperável no âmbito do conhecimento proposicional, para Fumerton o ponto epistemologicamente relevante do seu fundacionismo é que o “lar cognitivo da aparência” é mais seguro do que o conhecimento de verdades sobre o mundo exterior. Ele argumenta que para isso ser verdadeiro é necessário apenas que a) haja uma probabilidade menor que 1 de que nossa percepção seja verídica e maior que 0 de sua contraparte não verídica, e b) haja um elemento experiencial comum a ambas, a experiência verdadeira e sua contraparte não verídica, que possa ser descrito como parecer ver algo vermelho e redondo. Ou seja, a probabilidade da disjunção - estou tendo uma experiência verdadeira ou estou diante de sua contraparte não verídica – é obviamente maior do que a

¹⁰ Conforme Fumerton há dúvidas sobre quem primeiro apresentou esse exemplo na literatura filosófica: R. Chisholm (1942) sobre uma discussão entre A.J. Ayer e Gilbert Ryle ou P. Ushenko (1937) a partir de um problema apresentado por H.H.Price. (FUMERTON, 2008).

¹¹ Citado em FUMERTON, 2010.

probabilidade de cada disjuncto. E a afirmação sobre o que eu pareço estar vendo é verdadeira em cada disjuncto. Portanto, mesmo que não responda a pergunta cética, em termos proposicionais, nossa justificação para crer verdades sobre a aparência é mais forte que nossa justificação para crer verdades sobre a realidade externa.

Na visão de Fumerton essa é uma dificuldade para determinadas teorias da evidência, como a da Williamson, por exemplo, que rejeitam a ideia de que a probabilidade epistêmica de uma experiência ser verdadeira é sempre menor do que 1. Na visão externalista de Williamson para que haja uma experiência perceptiva verídica de que *X* é preciso que haja uma relação causal entre a existência de *X* e o estado mental relevante. É a veracidade da experiência que oferece a evidência para a crença de que *X*, que, por sua vez, corresponde ao que a pessoa sabe. Assim, se a pessoa sabe que determinada experiência é verídica a probabilidade relativa ao que a pessoa sabe é 1. Mas isso, segundo Fumerton, não é o que ocorre na maioria das asserções para as quais podemos ter maior ou menor justificação. “Parece óbvio que estaremos mais fortemente justificados em asserir que estamos vestindo uma camisa escura do que em asserir que estamos vestindo uma camisa preta.”

Contra a posição disjunctivista¹², Fumerton considera que a ideia do empirismo radical segundo a qual há um estado mental interno comum nas experiências verídicas e não verídicas ainda é a melhor resposta para lidar com o ceticismo. Na sua concepção é preferível adicionar condições à nossa ontologia da aparência a fim de melhor distinguir entre experiências verídicas e não verídicas, do que simplesmente oferecer uma explicação do que acontece na experiência verídica e outra do que acontece na experiência não verídica, ignorando o fato empírico bruto da indistinguibilidade fenomenológica entre ambas.

Por fim, é importante observar também que o fundacionismo de Fumerton representa uma posição de certo modo original no debate entre dualistas e fisicalistas em filosofia da mente. Como vimos anteriormente, *acquaintance* na definição de Fumerton é uma relação real que mantemos com certas propriedades e certos fatos. Ou seja, não temos o tipo de acesso não problemático a representações mentais, crenças ou proposições, como querem coerentistas e anti-realistas, mas com propriedades fenomênicas que a própria experiência exemplifica. “Podemos descobrir por intermédio da investigação empírica que raios são descargas elétricas ou que água tem a estrutura molecular H₂O, mas de acordo com o fundacionista *hardcore*, não estamos em contato direto com água, estruturas moleculares, raios ou descargas elétricas”.¹³ Embora concorde com os dualistas de que não podemos ter acesso direto e imediato à propriedades físicas, Fumerton discorda que estas propriedades sejam objeto do conhecimento proposicional. Segundo ele, o fato de Descartes ter duas representações diferentes para mente e corpo (a proposição de que eu existo e a proposição de que meu corpo existe)

¹² De acordo com a literatura, disjunctivismo é uma tese sobre percepção que nega que haja uma experiência comum às três categorias que usualmente se atribuem às experiências perceptivas: percepções verídicas, ilusões e alucinações. Segundo essa teoria a natureza das percepções verídicas é diferente da dos demais casos.

¹³ FUMERTON 2008, p.143

não implica necessariamente que a realidade representada seja diferente. No fenomenalismo da relação de *acquaintance*, Fumerton costuma incluir a possibilidade de uma “identidade informativa”¹⁴ entre propriedades mentais e físicas, que, como ele próprio reconhece, não deixa de ser uma forma de fisicalismo. É um comprometimento ontológico com um tipo de naturalismo substantivo que, de certa forma, resume sua filosofia:

É importante entender que não estamos nos livrando das propriedades fenomenais “problemáticas” dadas “reduzindo-as” a propriedades físicas não-problemáticas. É mais acurado sugerir que estamos teorizando sobre propriedades fenomenais dadas não-problemáticas ser o constituinte do físico epistemicamente mais problemático. Na linguagem da redução é mais acurado descrever essa visão como uma tentativa de reduzir certos constituintes de estados mentais à propriedades fenomenais dadas.¹⁵

É certo que se tomar a definição de naturalismo em epistemologia como uma atitude, ainda que vaga, de tentar aproximar a filosofia da ciência, o fisicalismo de Fumerton não preenche esta condição. O conteúdo do tipo de reducionismo sugerido acima não pode ser alcançado por métodos científicos, o que não significa, por outro lado, que eles não possam ser cientificamente respeitáveis. O suposto naturalismo que pode ser atribuído a Fumerton é o que alguns autores, como Alvin Goldman e Richard Feldman, chamam de naturalismo substantivo, que envolve a natureza ou substância dos julgamentos epistêmicos. Como escreve o próprio Fumerton: “Se propriedades naturais são aquelas que aparecem nas explicações e descrições dos fenômenos oferecidas pelas ciências naturais, *acquaintance* é um candidato pobre para propriedade natural. Porém, se entendermos propriedades naturais num sentido mais amplo, todas as apostas estão abertas quando se trata de caracterizar uma dada propriedade ou relação como natural ou não natural.”¹⁶

REFERÊNCIAS

- FUMERTON, R. (1994), **Skepticism and Naturalistic Epistemology**, *Midwest Studies in Philosophy*, XIX: 321-340
- FUMERTON, R. (1995), **Metaepistemology and Skepticism**, Boston and London: Rowman & Littlefield Publishers.
- FUMERTON, R. (1998), **Knowledge by Acquaintance and Knowledge by Description** in *Routledge Encyclopedia of Philosophy*
- FUMERTON, R. (2006), **Epistemology**, Oxford and Cambridge: Blackwell
- FUMERTON, R. (2008), **Luminous enough for a cognitive home**, *Philos Stud*, 142, p. 67-76
- FUMERTON, R. (2010), **Self-Profile**, in *A Companion to Epistemology, Second Edition*, edited by Johnatan Dancy, Ernest Sosa and Matthias Steup, Oxford: Blackwell, p. 165-170

¹⁴ Fumerton atribui a noção de identidade informativa a J. Smart, segundo o qual não podemos inferir do fato de que várias pessoas acreditam que existam raios no céu, sem crer que existam descargas elétricas no céu, apesar do fato de que, no sentido estritamente cartesiano de identidade de propriedades, o primeiro não ser idêntico com o último. O sentido cartesiano aqui, segundo Fumerton, diz respeito a segunda parte da Lei de Leibniz: “Se X é idêntico à Y, então o que for verdadeiro de X é verdadeiro de Y e vice-versa”, que não admite exceções em termos proposicionais. Proposições diferentes expressam realidades diferentes, o que para Fumerton nem sempre é o caso. (FUMERTON, 2010, p. 142)

¹⁵ FUMERTON, 2010, p. 143

¹⁶ FUMERTON, 2006, p.72-3

WILLIAMS, M. (1999), **Methodological Naturalism in Epistemology**, in *The Blackwell Guide to Epistemology*, edited by John Greco and Ernest Sosa, Malden, Ma: Blackwell, p. 65-116